

A IRRACIONALIDADE NA CIÊNCIA EM PAUL FEYERABEND

Patricia Neuman¹
Gilmar Evandro Szczepanik²

RESUMO: O objetivo deste texto é pensar sobre a razoabilidade da irracionalidade na ciência. Foi realizado um exercício de pensamento a partir da obra *Contra o Método* de Paul Feyerabend, dentre outros textos. A irracionalidade se mostra nas ações dos cientistas em dois momentos: na adesão e na avaliação de novas ideias. Isto problematiza a ciência como atividade puramente racional, objetiva e neutra, bem como o poder que é dado aos especialistas. Considera-se que Feyerabend não é contra a existência do racionalismo científico, mas é contra que ele se imponha como melhor alternativa sobre demais possibilidades. Quando se consideram meios e elementos irracionais, respeita-se a multiplicidade de fatores que participam do fazer científico.

Palavras-chave: irracionalidade, ciência, Feyerabend.

ABSTRACT: The objective of this text is to think about the reasonability of the irrationality on science. A thought exercise was based on *Against Method*, work by Paul Feyerabend, among other texts. Irrationality is present in scientists' actions in two moments: during adhesion and evaluation of new ideas. It problematizes science as a completely rational, objective and neutral activity, as well as the specialists' power. We consider Feyerabend is not against the existence of scientific rationalism, but he is against it imposes as the best alternative over other ones. When we consider irrational means and elements, we respect the multiplicity of factors that take part of scientific activity.

Key-words: irrationality, science, Feyerabend.

INTRODUÇÃO

Em *Contra o Método*, Paul Feyerabend (1924-1994) levanta vários debates em torno de sua tese principal, a saber, a de que a racionalidade científica que postula métodos e teorias fixas é tão somente uma dentre muitas tradições e que, enquanto tradição, não foi investigada suficientemente para comprovar sua unicidade e superioridade sobre as demais. Neste sentido, a visão racionalista de que a ciência é um modo de conhecer superior aos demais modos não foi posta à prova pelos próprios métodos defendidos por aqueles pensadores pertencentes a uma tradição racionalista. A ideia de que existe apenas uma racionalidade (a científica) e de que esta, de algum modo, é o melhor caminho para o

¹ Mestrado em Educação. Graduação em Psicologia. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Filosofia da Unicentro/PR. E-mail: souhumanista@gmail.com

² Doutorado em Filosofia. Mestrado e Graduação em Filosofia. Professor adjunto no departamento de Filosofia da Unicentro/PR. Email: gilmarevandro@unicentro.br

conhecimento é um equívoco que tem consequências teóricas, práticas e éticas para nossa sociedade (Feyerabend, 2011a, 2011b).

Em torno desta ideia, Feyerabend (2011a) agrega várias outras, dentre elas, a de que não existe um só método que seja capaz de abarcar todas as possibilidades da ciência, pois, através da observação da história da ciência, é possível identificar que cada método tem limitações e, por isso, não se pode colocar toda a expectativa em uma única via e pressupor que existe apenas um único modo de se fazer ciência. Outra ideia associada a esse problema é a de que não existe verdade absoluta a ser alcançada pela ciência, a de que teorias e métodos não são objetivos e neutros, (tese debatida mais profundamente em *Adeus à Razão*, a de que a tradição predominante não é a única válida, o que sugere, conseqüentemente, que o conhecimento científico não é superior aos demais e a defesa de que a ciência é constituída também por elementos ditos irracionais e deles dependem seu progresso. Se assim o é, considerar o irracional como elemento não só contingente, mas necessário ao desenvolvimento científico, faz repensar a ciência de tradição racionalista. Não é de se surpreender que para alguns, Feyerabend foi considerado, conforme Regner (1996), um “terrorista epistemológico [e] o pior inimigo da ciência” (p.231), mesmo que ele tenha dito que seu alvo nunca foi a ciência, mas o racionalismo, *i.e.*, um modo específico de compreender o mundo e disto, suas consequências sociais, educacionais e políticas. Assim sendo, o problema que buscamos analisar é a possibilidade da irracionalidade na ciência, *i.e.*, em que medida é razoável afirmar que a irracionalidade participa da ciência? Para isto, realizamos um exercício de pensamento com base principal na obra *Contra o Método*, junto a outros textos de Feyerabend. Apresentamos, então, primeiramente, os elementos que compõe aquilo que Feyerabend considera irracionalidade na ciência e, depois, examinamos a sua presença na atividade e na prática científica a partir da presença de especialistas na tradição científica.

A IRRACIONALIDADE NA CIÊNCIA

“A ciência não é sacrossanta” (Feyerabend, 2011b, p.22)

Feyerabend (2011) dedica considerável atenção à irracionalidade em *Contra o Método*. Já no capítulo dois, ele afirma que a forma mais eficaz de demonstrar que o método científico tem limitações é através da verificação de elementos não racionais na

construção da ciência. Esta constatação é feita por uma pesquisa histórica, na qual Feyerabend analisa ciências como a física, a química, a matemática e a astronomia. A menção à irracionalidade continua em *A Ciência em uma Sociedade Livre* e em *Adeus à Razão*.

Antes de adentrar na irracionalidade, existem aspectos fundamentais para a leitura de Feyerabend. É preciso ter em mente que Feyerabend é um pluralista e antirrealista que acredita que cada elemento da realidade “se comporta de maneira complexa e característica” (Ibid, 2010, p.80), que influencia e é influenciado por todos os demais elementos. Ele é um filósofo que defende que a realidade é complexa. A noção de um realismo científico, na versão de que o mundo é independente das formas de reunir conhecimento e de que a ciência é o melhor caminho para chegar a ele, é o resultado do antagonismo entre o senso comum e teorias originadas na Grécia quando intelectuais da época mostraram um apegado apreço às abstrações, criaram uma nova forma de contar histórias em forma de argumentos e novos valores para a vida, embora o nascimento do racionalismo grego não seja tão simples assim (FEYERABEND, 1981a; 1981b).

O fato é que a ciência moderna foi influenciada por esta versão de realismo científico, a qual fundamenta a dicotomia entre o real e o irreal. Porém, para Feyerabend (2010), devemos nos ater ao contínuo de transformações e não no que seja real ou irreal nem em nenhuma outra dicotomia. A complexidade da realidade é tamanha que pensá-la a partir de categorias dicotômicas abstratas é rudimentar. Feyerabend é um filósofo que defende a pluralidade e um mundo dinâmico que reflete a ação dos elementos nele existentes. Assim, um aspecto, o qual o próprio Feyerabend (2011b) aponta é o de que sua obra não deve ser lida *objetivamente*. Ao menos, racionalistas acreditam que haja objetividade e da forma que eles a buscam, a leitura de Feyerabend se tornaria o próprio caos: confuso e incompreensível. Feyerabend não explica como seria uma leitura objetiva de sua obra, mas como sua crítica está direcionada a uma suposta supremacia de uma visão racionalista de mundo, não é desta perspectiva que sua obra deve ser lida. Não se pode buscar por neutralidade nem regras oriundas da razão, entendida como entidade metafísica, em Feyerabend, pois sua escrita, *e.g.*, está permeada abertamente por valores sociais, políticos e pessoais, aspectos que são desconsiderados quando se supõe uma escrita objetiva, a qual nega que outros elementos influenciem a construção e a comunicação do conhecimento.

Mas de que modo, então, Feyerabend (2011a) introduz a irracionalidade na ciência? Ele começa por questionar o método científico, a ideia de que um método seria capaz de abranger todas as necessidades de conhecimento. O objetivo de Feyerabend é convencer as pessoas de que o método tem limites, *i.e.*, que não é onipotente. Para demonstrar isto, ele examina e defende a irracionalidade presente nas regras do fazer científico. Uma das regras é justamente verificar objetivamente falhas na teoria, corrigi-las se possível ou, em casos extremos, se a falha for incorrigível, abandonar a teoria. Feyerabend afirma que não é bem assim que acontece, pois há falhas que comumente são simplesmente ignoradas ou eliminadas por elementos ou meios que vão contra à regra metodológica. Exemplo disso é a teoria das cores de Newton, a qual, para acabar com a diferença entre fato e teoria, ele lançou mão de uma hipótese *ad hoc*. Ou, ainda, Isaac Barrow, que apesar de admitir disparidades entre fato e teoria acerca da regra de Kepler sobre a percepção do objeto através de uma lente, afirmou que nenhuma dificuldade seria forte suficiente para influenciá-lo a abrir mão do que sabia ser deleitoso à razão (FEYERABEND, 2011a). O irracional, portanto, surge como demonstração contra a ideia racionalista de método. Este irracional aparece como *meios irracionais* e *elementos irracionais*. O primeiro se refere à adesão de ideias e o segundo a avaliação de ideias.

Feyerabend (2010) discorda de que somente argumentos têm poder para fazer alguém mudar de ideia na ciência, de trocar o que está definido pelo absurdo, daquilo que aparenta estar correto pela dúvida. Para o autor em questão, existem também estratégias tidas como “pouco racionais” ou até “irracionais”, no sentido rigoroso do termo, que são imprescindíveis para lidar com ideias ou teses inovadoras. Os meios para isto são “propaganda, emoção, hipóteses *ad hoc* e recurso a preconceitos” (Ibid, 2010, p.154). Isto porque antes da ciência validar o que é duvidoso, tem-se apenas a fé. E, neste contexto, podemos pensar, ter fé não é pouca coisa, já que é ela que sustenta o cientista em suas convicções na investigação. Feyerabend (2010) dá a entender que a fé funciona como uma crença ainda não sistematizada em conhecimento científico, em fatos e, por isso, as atitudes de fazer publicidade, de apelar para as emoções e preconceitos e de criar as hipóteses *ad hoc* são os meios de convencimento que funcionam até os argumentos serem construídos.

Afora os meios, Feyerabend (2010) fala de elementos irracionais. São exemplos de tais elementos “preconceito, paixão, vaidade, erros e pura teimosia” (p.156) e explica que algumas descobertas científicas só puderam ser levadas a cabo graças a momentos em que

os cientistas puseram a razão impregnada na metodologia científica de lado e em seu lugar fizeram amplo uso da irracionalidade. Isto porque, em algumas situações, a razão simplesmente desconsidera certas perspectivas, quando estas soam demasiadas absurdas. O contexto aqui é o da avaliação de ideias. Em outras palavras, racionalistas como Popper, *e.g.*, até admitem que uma ideia nova pode surgir do absurdo, mas a sua avaliação deve ser dirigida pelas regras, *e.g.*, da objetividade. Caso contrário, não é ciência. Feyerabend (2010, 2011a, 2011b) afirma justamente que na avaliação de novas ideias não há neutralidade e que a neutralidade é tão somente uma crença de uma tradição que não se põe a si mesma em prova. A avaliação da novidade está permeada por especificidades pessoais dos cientistas, suas emoções e/ou seus equívocos, até mesmo a fé inabalável na sua racionalidade. E vejamos que as emoções, *e.g.*, podem ser tanto um meio como um elemento irracional, conforme a situação, apesar de Feyerabend não ter aprofundado esta problemática.

Além de falar de meios e elementos irracionais, Feyerabend (2010) também salienta a irracionalidade na diferença que o racionalismo faz entre o contexto da descoberta e o da justificação. O contexto da descoberta é aquele momento em que o cientista dedica toda a sua energia para desvendar e explicar um ou mais fenômenos, enquanto o da justificação seria o momento de validar o que se descobriu perante a comunidade científica. Quando racionalistas fazem esta divisão, segundo Feyerabend, até admitem que possa haver irracionalidade no contexto da descoberta, porém, jamais no de justificação, pois, para validar o conhecimento, são necessárias as regras metodológicas *supostamente* objetivas. Na descoberta, há elementos que podem auxiliar para além do método. Um exemplo disso, não incluído por Feyerabend, pois os que ele cita são os erros, a teimosia, as emoções, etc; mas incluído por nós, são os sonhos, comumente considerados, podemos pensar, tão irracionais quanto as emoções ou preconceitos. A título de exemplo, Strathern (2002) relata o sonho que Mendeleiev teve enquanto trabalhava arduamente para organizar os elementos químicos numa tabela. Depois de muito esforço racional, foi em um sonho que lhe surgiu o que faltava para a tão desejada organização dos elementos: a importância dos pesos atômicos. Teria Mendeleiev chegada a concluir sua empreitada apenas pela via racional e estreitamente preso ao método, sem ajuda do sonho? Não temos como saber.

Esta divisão entre contexto da descoberta e da justificação, defende Feyerabend (2010), é prejudicial à ciência porque perante algo complexo, a questão não está em quantas divisões se pode realizar, mas se estas divisões correspondem mesmo a uma

diferença e ainda se há algum avanço científico quando se acredita que as partes separadas não interagem e/ou sua interação é irrelevante. Aplicado ao nosso exemplo, o sonho fez parte da construção científica para Mendeleiev, como uma peça num grande quebra-cabeça que é a química e esta como parte de um quebra-cabeça maior ainda que é a vida. Do ponto de vista *objetivo*, pautado na dicotomia real/irreal, sonhos são irrealis, imensuráveis e subjetivos, logo, não servem no contexto da justificação. Para isto, é preciso empregar regras objetivas, como se a ciência fosse algo homogêneo, sem misturas; para usar um termo químico, sem *impurezas*.

Feyerabend (2010) é enfático ao dizer que os cientistas utilizam meios proibidos pelas regras racionais de investigação para chegarem a seus objetivos, que eles interpretam evidências de forma que combinem com seus interesses do momento, tentam resolver as dificuldades com as hipóteses *ad hoc* ou simplesmente as deixam de lado como se não existissem. Todas estas ações não são puramente racionais porque, pensamos, envolvem escolhas do cientista e tais escolhas envolvem tantos outros elementos como, nos termos de Ekman (1999) os fenômenos afetivos, sendo as emoções um deles. Para Feyerabend (2010), então, se as descobertas e a validação se dessem apenas pelas regras racionais, a ciência estaria arruinada porque ela não é um empreendimento *puro*, ela é uma mistura onde “descoberta” e “justificação” estão juntas e não há hierarquia de valor entre elas. Não só a ciência é uma mistura de elementos, mas o mundo também o é, ou seja, é plural e dinâmico. Em um mundo complexo, deixar a razão de lado em alguns momentos é fundamental porque, se não, a razão pode até impedir o avanço do conhecimento devido às regras que se supõem serem fixas (Ibid, 2010). O que Feyerabend parece salientar é que este mundo idealizado pelo racionalismo não permite modificações e o problema é que o mundo não é tão simples ao ponto de algumas regras permanecerem “válidas em todas as circunstâncias (Ibid, 2010, p.208).

Caos e ordem estão misturados, tanto ao ponto de Feyerabend (2010) defender que o conhecimento não é possível sem considerar o caos. Feyerabend não explica exatamente o que ele considera ser o caos, mas é possível propor, com base em sua perspectiva pluralista, que se trate da própria diversidade do mundo e seus múltiplos modos de funcionamento. Aos olhos racionalistas, a bruxaria e demais *organizações* desconhecidas são desprovidas de ordem e não se justificam. Sua suposta falta de lógica não é, para Feyerabend (2010) evidência que neles não exista alguma lógica, mas de que os seus fenômenos estão fora da lógica que se tenta aplicar para compreendê-los. Um exemplo

disso é como o modo de vida Azande é ordenado. Não pelo racionalismo, claro, mas pela bruxaria³.

Acerca disso, Evans-Pritchard (2005) descreve que a bruxaria regula a conduta, está “na lei e na moral, na etiqueta e na religião; ela sobressai na tecnologia e na linguagem” (p.49) e é a explicação para todos os tipos de males da vida. Para um Azande, acordar mal-humorado é bruxaria, enquanto que para o cientista da nossa *tribo* é uma variação causada por algum fenômeno interno e/ou externo conforme o estilo emocional de cada um. A cada dia mais popular em nossa cultura, a nossa *bruxaria* está, pelos estudos de Davidson e Begley (2013), no cérebro e no DNA. E da mesma forma que um Azande “espera cruzar com a bruxaria a qualquer hora do dia ou da noite” (Ibid, 2005, p.50), nós esperamos nos deparar com *a racionalidade* e ficamos surpresos se isto não acontece. Se o chamado irracional aparece, aqui como aquilo que foge às regras, seja qualquer regra que tem alguma força de organização social, causa no mínimo um assombro ou em um termo usual entre nós: é a *loucura*.

Feyerabend critica, portanto, que haja uma só racionalidade e uma só lógica que sejam melhores que outras, sendo estas vistas como irracionais. Podemos pensar que quando se elege uma só razão, desconsiderar a diversidade parece uma consequência esperada. O que Feyerabend (2010) tenta convencer é que a ideia de uma única racionalidade faz parte de uma tradição e, como tradição, vê a si mesma como onipresente. A onipresença das tradições tem sua utilidade para a organização de um povo, mas o problema que Feyerabend levanta é quando uma tradição busca impedir, por meios violentos, a existência de outras. Feyerabend não é contra a tradição racionalista em si, mas é contra a sua atitude de se impor aos demais como a única válida e verdadeira. Em termos políticos, e Feyerabend não separa filosofia e política, esta atitude gera uma série de problemas sociais como a colonização e a extinção de povos inteiros em total desrespeito a seus modos de vida oriundos de sua racionalidade. Isto porque outros modos de vida se baseiam em outras formas de racionalidade que não a do racionalismo científico.

Nessa linha de raciocínio, a visão racionalista exclui o que ela entende por irracionalidade, mas destacamos, o irracional é assim chamado do ponto de vista desta

³ O sistema de conhecimento da vida dos Azande, *e.g.*, é organizado pela bruxaria. Ela é uma substância física e transmitida hereditariamente, responsável por atitudes más das pessoas, *e.g.*, a doença, o homicídio e o adultério. Os Azande não consultam o oráculo para saber se uma pessoa é ou não bruxa, mas sim para saber se alguém está a fazer bruxaria contra si naquele momento e, então, tomar as medidas necessárias. Não há interesse algum em compreender ou explicar a bruxaria, nem a noção de contradição (EVANS-PRITCHARD, 2005).

tradição. Quando Feyerabend chama de irracionais preconceitos, emoções, equívocos e meios de convencimento não argumentativos, em nenhum momento ele afirma que tais meios e elementos são desprovidos de razão. Mas o que ele afirma, e isto implicitamente, é que aquilo que tendemos a ver como irracional não é irracional *per se*, mas dentro da tradição racionalista é que se torna irracional tudo o que não se enquadra nos critérios e regras *racionais*.

Da mesma forma que, para racionalistas, segundo Feyerabend (2010), a bruxaria é irracional por não atender critérios de uma suposta racionalidade objetiva, afirmamos, as emoções, os preconceitos, a propaganda, as hipóteses *ad hoc* também são irracionais. Mas por que são irracionais? Se olharmos a realidade de dentro da tradição racionalista, é coerente que outros elementos, além da razão, que constituem os cientistas e outros modos de vida sejam irracionais. Isto porque a razão, nesta tradição, é *per se*. Se admitimos e cremos que existe uma razão imutável, universal, *a priori*, absoluta e que sustenta a objetividade e a neutralidade no caminho da busca pela verdade também absoluta, é razoável que tudo que não se encaixe neste parâmetro seja inferiorizado e/ou excluído como conhecimento e leve o nome de irracional, o que seria o oposto do racional.

Este julgamento de valor da tradição racionalista é altamente criticado por Feyerabend (2010), ainda mais porque os racionalistas não admitem que esta atitude é um julgamento de valor arbitrário. Para eles, a supremacia de uma racionalidade, a deles, é a verdade e são os outros que estão nas sombras da ignorância. Para Feyerabend (2011b), as tensões que ocorrem não são entre “o bem e o mal ou entre informação completa e insuficiente [...] e não entre razão e irracionalidade” (p.34), mas sim entre *valores*. Na ciência racionalista, há valores que levam à crença de que seus resultados são alcançados puramente pelo método e este é totalmente blindado contra ideologias, religião, mitos e qualquer outra sombra *irracional* que pudesse obscurecê-lo. Uma visão um tanto atrativa quando se busca a salvação da humanidade contra o mal (seja ele qual for), mas que, para Feyerabend (1975), se trata apenas um conto de fadas.

Um conto que leva à radical separação entre o que é científico e o que não é, entre o que é e o que deveria ser. E no *dever ser* da tradição se pautam e são legitimadas as ações de exclusão que vão desde a não aceitação do diferente em determinado grupo até o extermínio de comunidades e culturas. Ou seja, as consequências vão além da separação entre ciência e outros tipos de conhecimento. Chegam às questões políticas como a aniquilação ou conversão de povos à tradição do dominante sob a defesa de que eles

precisam se desenvolver, este com plena certeza que as tradições dos outros são meras superstições e, logo, são irreais (Feyerabend, 1975; 2011b).

Isto porque as tradições de outros povos são julgadas como simples e irrefletidas pela tradição racionalista. Mas Feyerabend (1981b) explica que o senso comum é tão complexo quanto a ciência de base realista e racionalista. O senso comum não separa o mundo objetivo do subjetivo, não há problemas acerca do que se faz ou pensa acerca dele ou com as novas crenças daqueles que tentam compreendê-lo. As noções epistemológicas e lógicas atravessam tais fronteiras e há interações complexas entre o sujeito e o objeto e variados modos de combinação entre eles. As visões do senso comum contêm ontologias bem organizadas como “espíritos, sonhos, arco-íris, pedras, animais, festas, justiça, destino, tristeza, divórcios, o céu, obrigações, morte, etc” (Ibid, 1981b, p.1). Cada uma dessas entidades se comporta de modo complexo e específico que não cabe em um único padrão, que possa ser resumido a uma só regra ou explicado por um único caminho. As entidades se relacionam umas com as outras e constituem um variado e rico cosmos. Em cosmos assim, a pergunta que importa não é *o que é real*, mas *o que acontece* (Ibid, 1981b).

A irracionalidade não é algum tipo de entidade fictícia, mas ações dos cientistas que são movidas por idiosincrasias pessoais ou, em outros termos, subjetivas e estas são chamadas de irracionais do ponto de vista racionalista. Para esta tradição, o que faz com que a ciência progrida é uma racionalidade universal e imutável, o que Feyerabend chama de fé, já que esta racionalidade defendida pelos racionalistas não foi ainda suficientemente investigada pela própria ciência que tanto defendem. Esta racionalidade é tida como onipresente (estaria em todos os lugares) e onipotente (é capaz de conhecer todas as coisas) e, conforme diz Feyerabend (2011b), seus adeptos estariam então protegidos contra “a irracionalidade da multidão de gente comum” (p.49). A partir, então, desta perspectiva, procuramos mostrar que é razoável a participação da irracionalidade na ciência tendo como ponto de partida a presença marcante de especialistas na tradição científica.

UMA CIÊNCIA PLURAL E IRRACIONAL

*“Introduza um pouco de anarquia.
Perturbe a ordem vigente e então tudo se torna um caos.” (The Joker)⁴*

Primeiramente, a presença de especialistas parece ser comum nas tradições, sejam elas quais forem. Especialistas no sentido de alguém com maior capacidade e/ou habilidades para resolver situações importantes naquela cultura, sejam estas habilidades entendidas como aprendidas ou recebidas dos Deuses. Eles ou elas podem ser os curandeiros, as benzedeiras, as parteiras, os médicos, os oráculos, os conselheiros dos reis, os cientistas, etc. Não se trata de ser contra a existência de especialistas, mas de problematizar suas ações sustentadas pelo poder que lhes é dado como especialistas na nossa cultura, um poder protegido por uma tradição racionalista que não pensa a si mesma suficientemente e esta é a questão central. Feyerabend não propõe uma disputa entre tradições ou teorias, um *ranking* para ver qual é a melhor e mais bem-sucedida. Sua proposta não está pautada em hierarquia, mas em equidade.

Contudo, na tradição racionalista, foco da crítica de Feyerabend, os seus especialistas são considerados mais importantes porque supostamente sabem mais acerca de algum fenômeno em que este saber é considerado objetivo, neutro, rigoroso, metódico, etc, atributos que compõem uma visão de mundo. Porém, a questão central está em que o mundo não é simples ao ponto de uma só tradição e seus especialistas oficiais serem capazes de explicá-lo plenamente, de mostrar para os outros a *verdade*. Um mundo plural e dinâmico, como o nosso, requer uma ciência também plural e dinâmica e, além disso, pensada por todas e todos, por cientistas e não cientistas. Esta é uma tarefa difícil em uma sociedade que espera dos especialistas as soluções para todos os problemas da vida cotidiana e a cada ação bem-sucedida, o reconhecimento e a expectativa crescem.

Desconsiderar os demais tipos de conhecimento não gera apenas a exclusão e a dizimação de povos como as ações de domínio colonial, como bem salienta Feyerabend. Outro efeito social do excesso de poder dado aos especialistas (cientistas) parece ser a

⁴ Fala do personagem Coringa, *Joker* em inglês, (interpretado por Heath Ledger, 1979-2008) no filme “Batman: o cavaleiro das trevas” (2008).

geração de um tipo de atitude de espera. Muitas pessoas comumente aceitam que elas não têm conhecimento ou competência quando algum especialista diz que elas não os possui e, muitas vezes, há especialistas que fazem questão de dizer isso aos que têm o infortúnio de encontrá-los. Que seu papel é esperar que os sumos “sacerdotes”, para usar um termo de Feyerabend (2011b, p.49), resolvam todos os problemas da vida pública e privada, da prevenção de uma próxima guerra mundial (ou o início dela, ao que parece, para alguns) até a nutrição e educação dos filhos, passando pela fórmula mágica que acabe com a angústia e outra que afaste de vez a morte. Isto onera os cientistas (embora muitos apreciem este ônus por encará-lo como reconhecimento) e alivia a responsabilidade dos demais participantes da sociedade que, em muitos casos, também apreciam tal posição mais cômoda.

Feyerabend (2010; 2011a; 2011b) enfatiza a importância da participação coletiva nas decisões no que tange os rumos da ciência, sobre, *e.g.*, o que é relevante à comunidade de ser pesquisado, onde o dinheiro público deve ser investido. Ou seja, Feyerabend traz à tona a questão da responsabilidade individual de todos os membros da sociedade, sejam a gente do senso comum, os religiosos, etc, que, de certo modo, ao colocar a ciência e seus especialistas como porta-vozes da verdade, eximem-se do debate e das decisões e podem se tornar até vítimas de pessoas más intencionadas. Isto porque não podemos pressupor que a ciência sempre será utilizada para beneficiar a todas e todos. Corremos o risco de sermos ingênuas e ingênuos quanto a isto se continuarmos a acreditar que cientistas nas mais diversas áreas e, para além deles, quem os financia, estão movidos apenas pela razão. Não. São pessoas que estão movidas por razão e também por interesses baseados em valores, os mais diversos deles. Há quem queira acabar com a fome no mundo e há para quem este problema é insignificante.

Assim, a partir da pluralidade metodológica debatida por Feyerabend, entendemos que a discussão não se restringe à pluralidade de objetos de estudo, de métodos e de interpretações de resultados. Isto seria limitar o debate a um só aspecto da ciência que é seu funcionamento estrutural. Defender uma ciência plural, dinâmica e crítica (com elementos irracionais) envolve pensar também outros aspectos tais como as consequências da ciência na vida cotidiana e no meio ambiente, as questões étnicas e de gênero e a miséria material e psicológica a que milhares são submetidos: a ciência feita por quem e para quem. Questionar a ciência parece sempre soar que se está contra ela, que não se está a valorizar o que ela nos trouxe de benefícios, mas não se trata disso.

Trata-se de avaliar as múltiplas consequências da intervenção da ciência na vida pública e privada, bem como o uso nem sempre bem-intencionado da ciência para com certos grupos sociais. Não raro se tem utilizado a ciência para justificar ações excludentes e repressivas. Feyerabend salienta as práticas colonizadoras, mas há exemplos ainda mais próximos de nós: a desigualdade entre homens e mulheres na ciência. Segundo Schiebinger citada por Stenmark (2004), em, 1982, um estudo feito sobre a relação entre aspirina e doenças cardiovasculares envolveu 22.071 médicos e nenhuma médica. Outro exemplo é um estudo de múltiplo fator de risco entre pressão arterial, fumo, colesterol e doenças coronarianas, o qual teve por amostra 12.866 homens e nenhuma mulher. Neste exemplo, que é um dentre muitos, há que se pensar, *e.g.*, o que a ciência tem feito e para quem tem se direcionado suas descobertas. É neste sentido que Feyerabend defende a participação de todas e todos quanto aos objetivos e métodos da ciência.

Isto porque pensar novas perspectivas, em alguns momentos, exige ir contra certas regras da tradição vigente. O excessivo valor dado ao modelo moderno de ciência tem em sua base uma tradição racionalista que a sustenta e que, sem certa irracionalidade para mover o pensamento rumo a outros horizontes, corre o risco de (e isto já tem acontecido), em nome da razão, realizar e justificar ações de exclusão e homogeneização da diversidade mediante sua dizimação em prol de uma ordem social dividida entre os que conhecem e os que não conhecem, bem como os que não conhecem *têm* de conhecer. Caso não queiram se converter à verdade, seu status de seres humanos é desconsiderado, seja pelo extermínio seja pelos estigmas, passando pela regulação jurídica.

Exemplos não faltam. É o caso do vodu no Haiti que, segundo Baptista (2012), é visto como “um mundo de violência e fantasia, marcado pela barbárie e pela ausência dos *bons valores do mundo civilizado*” (p.66) [grifo do autor], pleno de “ritos pagãos dos camponeses [...] um mundo fantástico, povoado por zumbis e canibalismo, rituais macabros e magia negra” (p.66-67). Ora, eis a descrição do mundo haitiano visto pelo *blancs*⁵ civilizados. Assim como o historiador português do século XVI, Pero de Magalhães Gândavo, que descreveu os brasileiros canibais como vingativos e cruéis e, sem a menor compreensão do sentido da sua prática, foram taxados de realizarem “cruzas tão diabólicas que ainda nelas excedem aos brutos animais que não têm uso da razão” (2004, p.155). Discurso científico, à época, endossado também pelo padre Navarro (2006) que

⁵ *Blancs*: em francês, brancos. Referência aos colonizadores (Baptiste, 2012).

escreveu que, nestes índios, “ têm o demônio muito domínio sobre eles” (p.80) e do padre Anchieta (2006) em que os habitantes do Brasil eram “pobres índios tiranizados pelo demônio” (p.125). Em contrapartida, o que os indígenas pensaram acerca dos “feios, fétidos e infectos” (p.44) *blancs* portugueses, para usar os termos de Ribeiro (1995), não sabemos. Certo que estes últimos eram religiosos, não cientistas, mas a menção a um modelo de racionalidade não se pode ser desconsiderada. Afinal, é com base nela que, em geral, vem a autoridade para chamar e tratar os outros de bárbaros.

Dentro do racionalismo científico, diversas problemáticas são desconsideradas, sendo uma delas o ponto de vista do colonizado, pois se a racionalidade e o conhecimento são universais, atemporais, independentes e imutáveis, há uma constante cisão entre o que é importante e o que não é e, além disso, *quem* tem o poder para decidir o que é relevante e com bases em que a decisão é tomada. Ou seja, o que está em questão é o monopólio das decisões. Para Feyerabend (2011a), os racionalistas nem sequer pensam sobre isto, pois têm fé que lhes é conferido o poder pela razão tal qual outros outrora acreditaram que o poder era conferido por Deus. E ainda nesta analogia, acrescentamos, lhes caberia eliminar da ciência qualquer mal que pudesse desviá-la do caminho da iluminação divina (ou melhor, iluminação racional), tal como se fez com demônios outrora.

Hoje em dia, quando se quer findar uma discussão ou agredir alguém, basta chamá-la ou chamá-lo de irracional. Ou ainda, para repreender alguém, não é incomum algo como *não seja irracional!* A irracionalidade amedronta a quase qualquer um em nossa sociedade e dela se foge como se fosse um mal agouro. O irracional ainda é muito associado à loucura, à perda da razão, ao mergulho num caos escuro do qual não se pode sair, tanto quanto o demoníaco já aterrorizou (e ainda aterroriza) muitas pessoas, pelo menos aquelas que veem dicotomia entre divino e demoníaco e o demônio como um mal ao qual se deve afastar a todo custo. Na epígrafe deste texto, a fala do ator Heath Ledger, no personagem do *Joker*, sinaliza para que a perturbação da ordem leva ao caos, mas como seria possível perturbar a ordem senão por uma dose daquilo que algum modelo de racionalidade toma como seu extremo oposto, o irracional. Isto porque a atitude que Feyerabend critica dos racionalistas não é privilégio só deles. Racionalistas não são os únicos a crerem que seu modo de vida atende melhor às necessidades humanas.

O fato de Feyerabend (1999) querer defender as pessoas da ciência, bem como de outras ideologias, lhe rendeu o título de inimigo da ciência, para muitos. Mas Feyerabend não era contra a ciência, pelo contrário. Se ele assim fosse, não teria coerência defender o

direito de todas as tradições com seus respectivos especialistas terem seu espaço social, de considerar as diferentes formas de irracionalidade como elemento fundamental no desenvolvimento científico. E não só os especialistas, mas igualmente a gente considerada comum e suas opiniões comuns, tal como acontece em algumas partes do mundo. No Haiti, *e.g.*, como há dificuldades com energia elétrica, a televisão não é o principal meio de comunicação. Em seu lugar está a rádio, o qual transmite discussões diariamente sobre os mais variados temas. Os convidados são, segundo o antropólogo José Baptista, “padres, pastores, políticos, magistrados, pesquisadores e gente comum das ruas” (2012, p.60). Todos podem defender seus pontos de vista, a qual também tem sido a proposta de alguns grupos de resistência à colonização como as *Gentes de Baladre*⁶.

O que Feyerabend fez foi apontar para as consequências de atitudes pautadas em uma tradição que é vista como a única adequada para resolver problemas individuais e sociais e que, por isso, ninguém mais pode tentar resolver os problemas de outros modos que não aqueles admitidos pela tradição vigente. Como numa brincadeira entre crianças que, quando em certa idade, elas não admitem que as regras sejam mudadas⁷. Feyerabend apenas afirma que as regras são múltiplas e há várias formas de jogar, não uma só forma que seja a verdadeira. Ao problematizar a noção racionalista de conhecimento, ele afirma que se faltam evidências ou motivos contrários à *verdade*, não é porque sua natureza é absoluta, mas por tantos outros fatores como, *e.g.*, a subjetividade dos cientistas, interesses políticos, valores, etc.

Uma das maiores preocupações de Feyerabend era de proteger o direito das pessoas e dos grupos, independentemente de quais forem e do que venham a defender, de serem ouvidos em seus argumentos, pois sua defesa é de uma sociedade livre, a qual reconheça “o valor de *qualquer* modo de vida particular” (FEYERABEND, 1999, p.112) [grifo do autor]. Ao mesmo tempo, sinalizar para as consequências de uma sociedade que desvaloriza a partilha entre pessoas e entre culturas. Se as pessoas não debatem, não têm acesso ao que se passa com o outro e seu campo de compreensão da vida diminui, já que seu viver se resume a sua experiência particular, *i.e.*, um fechar-se em si, mesmo em meio a tantos.

⁶ As *Gentes de Baladre* são um grupo, na Espanha, que busca espaço social de apoio mútuo constituído de vários coletivos pelo país. Seu funcionamento prioriza a partilha e o respeito à diversidade onde membros que coordenam e os demais são iguais. Os grupos, em partilhas com toda a gente em povoados, buscam alternativas para seus problemas, sem partir de um núcleo de especialistas. A luta é pela comunidade como um todo, sem distinções (BAYONA, 2018).

⁷ Sobre isso ver PIAGET, J. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006 e PIAGET, J. Judgment and Reasoning in the Child. New York: Hardcourt, Brace and Company, 1928.

Assim, passa a pouco ou nada importar o que sentem e pensam os demais, se vivem ou morrem.

Quando o ponto de partida é uma verdade que, por ser verdade *per se*, é associada ao real, em contraposição da falsidade e do irreal, além da divisão irreconciliável entre ciência e outros domínios da vida humana, envereda-se para a ideia de que a ciência não pertence a gente comum, que estas pessoas não precisam compreendê-la e que esta tarefa é exclusiva dos especialistas, os únicos capazes de emitir juízo; ou nas palavras de Bacon (1979), os aptos a “conhecer a verdade de forma clara e manifesta [...] como verdadeiros filhos da ciência” (p.8). Se a ciência é esta mãe, poeticamente expressa por Bacon, é uma mãe um tanto seletiva. Uma mãe que estimula seus filhos a separarem a si mesmos em pedaços supostamente incomunicáveis, visto que no ideal de especialista, não se pode permitir que nada interfira em seu imaculado trabalho científico, o qual é separado da vida. A consequência disso, salienta Feyerabend (1999) é a criação de cientistas vazios daquilo que faz a vida valer a pena de ser vivida, *i.e.*, as emoções e os pensamentos genuínos. Certamente, as emoções podem se mostrar imprudentes e os pensamentos podem ser desumanos e a questão está em quem se preocupa com isso, quem se preocupa com a qualidade das nossas emoções e com aquilo que possa nos tornar mais próximos. Uma proposta de ciência plural, dinâmica, crítica e permeada pela irracionalidade junto à racionalidade desafia a ciência (as cientistas e os cientistas) a ir além da frieza, da (suposta) objetividade, do anonimato (expresso, inclusive, na linguagem pelo pronome na terceira pessoa) e do desumano.

Para esta ciência plural e irracional, um valor de base é a compreensão, a qual não se dá, crescemos, sem esforço. Feyerabend não deixa a racionalidade de lado para exaltar a irracionalidade, mas busca convencer de que há irracionalidade em conjunto com a racionalidade, bem como há racionalidade nas outras formas de conhecimento como religião, *e.g.* Não existe, portanto, uma racionalidade, mas várias. Esta interpretação da realidade prioriza os acontecimentos, digamos, a dança dos fenômenos, a multiplicidade, o significado, em vez da busca por uma verdade a ser encontrada, pelo universal e necessário. Eis que a pluralidade requer o debate dos sentidos que cada acontecimento tem para pessoas e grupos e nele participam racionalidades e irracionalidades. Feyerabend não fala em mais de uma irracionalidade, pois ele se deteve aos elementos considerados irracionais na ciência pela tradição do racionalismo científico. Tal problemática de possíveis múltiplas irracionalidades abre horizonte para outro exercício de pensamento,

talvez não *puramente* filosófico, mas que dele participem outros modos de conhecer o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na entrevista dada a Safranski em 1993, Feyerabend defende que as pessoas precisam mais de amabilidade que de iluminismo e provoca-nos com a questão “*de que me servem as partículas elementares quando quero me enforcar de desespero?*” (MACHADO, 2017) [grifo nosso], para nos chamar a atenção a pensar que uma ciência pautada no racionalismo se ocupa mais em impor um modo único de vida que compreender e respeitar os diversos modos de vida existentes, discussão que se estende ao âmbito político e ético, os quais não podem ficar à deriva e, por isso, a defesa da participação da gente comum na avaliação das decisões científicas e a dessacralização do poder dos especialistas que nos dizem a todo momento “*nós pesquisamos, nós descobrimos importantes verdades com grandes dificuldades, nós oferecemos a vocês essas verdades, aceitem-nas*” (Ibid, 2017) [grifo nosso].

Feyerabend reflete em sua filosofia e seu modo de vida uma preocupação que passa mais pelo significado do mundo que pela verdade sobre o mundo, o direito de que a vida valha a pena ser vivida para todas e todos, sem a imposição de uma tradição sobre a outra, mas pela partilha entre tradições. Isto implica o reconhecimento das individualidades e o enfrentamento dos conflitos, pois a pluralidade não está isenta de embates, pelo contrário. É na uniformidade que não há conflitos e, sem eles, o que resta é o findar da vida, que nem sempre é o fim pela morte física, mas a indiferença a si e a outras e outros, uma indiferença que pode ser facilmente justificada por uma racionalidade específica e protegida por ela.

Em meio a crítica ao racionalismo científico, teria ele o direito de continuar a existir? Certamente que sim! Feyerabend não tentou acabar com o racionalismo. Racionalistas têm tanto direito quanto todas as demais visões de mundo de existirem. Mas o que racionalistas não têm direito, nem eles nem ninguém, é de impor sua visão sobre as demais e, por isso, a defesa do debate entre todas e todos: especialistas e não especialistas seja de uma mesma tradição (cultura) seja de tradições diferentes. Quando se tende mais para o significado das ações humanas que para a suposta verdade contida nelas, não quer dizer ignorar o fenômeno da verdade. Mas o fato é que cada tradição pode ter uma noção diferente de verdade, atribuir diferentes significados a ela e, com isto, direcionar suas ações. A proposta de Feyerabend nos permite pensar, embora ele não tenha se ocupado de

fazer isto por não ser o seu objetivo, sobre o significado do racionalismo e sua visão de mundo, bem como de tantas outras tradições, enquanto uma dentre várias tradições científicas. O foco no significado oportuniza repensar o que tem sido realizado, como o tem sido e em que medida tal modo de ser e fazer atende as necessidades sociais do presente.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, J. Carta do irmão José que escreveu do Brasil aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. In: Primeiras Cartas do Brasil [1551-1555]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.111-125.

BACON, F. Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza, 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAPTISTA, J.R.C. Sè Tou Melanje: uma etnografia sobre o universo social do vodu haitiano. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2012.

BAYONA, M.S. Baladre, 35 anos construindo alternativas com outras. In: A. MELLO (Org.), Descolonizar a Rebelião: uma alternativa desde baixo e à esquerda. Guarapuava: Apprehendere, 2018.

DAVIDSON, R.J. O Estilo Emocional do Cérebro. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

EKMAN, P. Basic Emotion. In: T. DAUGLEISH & M.J. POWER (ed.), Handbook of cognition and emotion. Cambridge, John Wiley & Sons, 1999, p.45–60. Disponível em: <https://www.paulekman.com/wp-content/uploads/2013/07/Basic-Emotions.pdf>. Acesso: agosto de 2018.

EVANS-PRITCHARD, E.E. A Noção de Bruxaria como Explicação dos Infortúnios. In: E.E. Evans-Pritchard, Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.49-61.

FEYERABEND, P. Contra o Método. 2ed. São Paulo: Unesp, 2011a.

_____. A Ciência em uma Sociedade Livre. São Paulo: Unesp, 2011b.

_____. Adeus à Razão. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. How to Defend Society against Science. In: P.K. Feyerabend, Knowledge, Science and Relativism: Philosophical Papers, vol.3. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.188-191.

_____. Experts in a free society. In: P.K. Feyerabend, Knowledge, Science and Relativism: Philosophical Papers, vol.3. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.112-126.

_____. Realism, Rationalism and Scientific Method: Philosophical Papers, vol.1. Cambridge University Press, 1981a, p. 1-10.

_____. Problems of Empiricism. Philosophical Papers, vol.2. Cambridge University Press, 1981b 1-10.

_____. 1975. Science. The Myth and the Role in Society. Inquiry, v.18, 1975, p.167-81.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. (2015). Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015. Disponível em: < [Http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf](http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf)>. Acesso: março de 2018.

GÂNDAVO, P. M. A Primeira História do Brasil: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

NAVARRO, J.A. Outra enviada da cidade de Salvador. In: Primeiras Cartas do Brasil [1551-1555]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.77-85.

REGNER, A.C.K.P. Feyerabend e o Pluralismo Metodológico. Epistême: Filosofia e História das Ciências em Revista, v. 13, n. 3, 1996, p. 231-247. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/7048/6524>. Acesso: novembro de 2018.

RIBEIRO, D. O Enfrentamento dos Mundos. In: D. Ribeiro, O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.42-63.

STENMARK, M. 2004. How to Relate Science and Religion: a multidimensional model. Cambridge: Eerdmans, 2004.

STRATHERN, P. O Sonho de Mendeleiev: a verdadeira história da química. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.